

TEXTOS SELECIONADOS DO FUNDADOR

OBJETIVOS E MÉTODO
DO ADESTRAMENTO
DOS LOBINHOS

GUIDISMO I
(para escoteiras e guias escoteiras)

GUIDISMO II
(para Escotistas)

A EDUCAÇÃO PELO AMOR
SUBSTITUINDO
A EDUCAÇÃO PELO TEMOR



UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

TEXTOS SELECIONADOS DO FUNDADOR

GUIDISMO I

(para escoteiras e guias escoteiras)

Bader, Powell



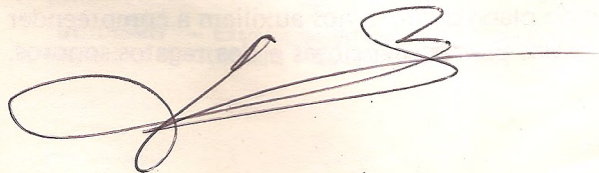
ÍNDICE

Prefácio	2
O que fazem as guias	4
Porque guias	6
Sempre alerta	8
Estudo da natureza na cidade	9
Caça de Atalaia	10
O Acampamento	19
Como adestrar uma aspirante	20
História de duas rãs e de um pote de creme	21
Monitoras	22

Ao Escotista *João*

Nos 60 anos da UEB, uma homenagem da Direção Nacional ao seu trabalho.

Brasília, 04 / 11 / 84



PREFÁCIO*

Quero aproveitar a oportunidade desta nova edição, para dar um conselho a todas que trabalham na divulgação de nossos princípios. Talvez eu não tenha insistido tanto quanto deveria, na importância dos conhecimentos da natureza nos nossos programas. Lamento que haja uma tendência sobretudo nas cidades e durante os meses de inverno, a se dar mais importância aos sinais, formaturas e outros exercícios deste gênero.

Nossa finalidade é principalmente desenvolver o caráter e o sentimento de civismo por meios naturais e não artificiais.

Não nos esqueçamos que é contra os nossos princípios impor regras e disciplina: nosso desejo é despertar o esforço pessoal e a disciplina interior.

O amor e o conhecimento da natureza mostram as belezas do plano divino e nos auxiliam a compreender as lições das pedras silenciosas e dos regatos sonoros.

As guias devem aprender a decifrar o livro maravilhoso que nosso Pai celeste nos deu; e viver como diz Longfellow em seu poema:

"E a natureza, mãe nutriz,
Tomando a criança nos seus joelhos;
— Eis um livro de história, lhe diz
Que teu Pai escreveu: são bons conselhos.
Vem! Às regiões desconhecidas
Vamos juntas partir para ver!
Decifremos no manuscrito de Deus,
O que ninguém, na terra ou nos céus,
Conseguiu, por ventura, ainda ler."

Baden-Powell & Gilwell

"GUIDISMO" — Extratos do livro de Lord Baden-Powell. Título Original: GIRL GUIDING — Editado em 1921.

O QUE FAZEM AS GUIAS

Seu primeiro dever como guia é prestar serviço ao próximo, tanto nas pequenas como nas grandes coisas. É preciso que você imagine as mil e uma circunstâncias diferentes que podem se apresentar, e o modo como vai agir nesse ou naquele caso particular; só assim estará pronta para qualquer eventualidade.

Eu vi, certa vez, um aeroplano alemão deixar cair uma bomba sobre uma estação de Londres. Havia ali o movimento habitual; pessoas que tratavam das bagagens, que diziam adeus; de repente, um vagão inteiro foi reduzido a pó, e os outros pegaram fogo. Sete ou oito pessoas foram jogadas longe e morreram instantaneamente. Cerca de trinta ficaram machucadas, mutiladas, perdendo sangue. O inesperado desta cena tornou-a ainda mais trágica. Reparei então que uma das primeiras pessoas a recuperar o sangue frio foi uma jovem, bem vestida, que se ajoelhou ao lado de um operário que estava perdendo muito sangue, com

um ferimento na coxa. Ela cortou-lhe a calça com uma faca e, com esses pedaços de fazenda, fez um tampão para cobrir-lhe a ferida. Encontrou, não sei onde, uma xícara, e encheu-a, na bomba das locomotivas. Em vez de perder a cabeça, tornando-se inútil, estava calma, pronta para fazer o que devia, como se tivesse passado a vida no meio de bombardeios aéreos. Eis o que uma jovem pode fazer, estando preparada.

Para poder ajudar, em casos semelhantes, é necessário simular situações desse gênero, e ir ao campo à procura de feridos, seguindo-lhes a pista até o lugar em que se esconderam ou onde foram buscar água. Você precisa saber acender uma fogueira, fazer curativos ligeiros e preparar uma sopa quente ou uma refeição rápida.

Também deve conhecer sinais, que permitam pedir socorro aos companheiros que estiverem a uma grande distância. É preciso saber construir um abrigo, com os galhos que encontrar, improvisar padiolas a fim de transportar os feridos para carros ou carroças, e conduzi-los ao hospital mais próximo. Uma guia é bastante engenhosa para ser capaz de transformar rapidamente um quarto ou um porão numa sala de hospital, fazer uma cama, conhecer os acessórios indispensáveis aos doentes e feridos, sabe igualmente cuidar destes, trocar-lhes as ataduras, preparar-lhes alimento, arejar o ambiente, lavar roupa branca, etc...

POR QUE GUIAS

Na fronteira nordeste da Índia, há um corpo célebre de soldados conhecidos pelo nome de Guias. Devem estar sempre prontos, a qualquer momento, para repelir do outro lado da fronteira as incursões das tribos hostis, impedindo-as de penetrar nas calmas planícies da Índia.

Esta tropa de homens deve estar preparada para todos os gêneros de combate: a pé, a cavalo, na montanha. Fazem muitas vezes o trabalho de pioneiro, atravessam rios a vau, constroem pontes, etc. Mas, sobretudo, devem ser muito ágeis, intrépidos e resistentes, prontos para partir a qualquer hora, em qualquer estação do ano, a se sacrificarem, quando necessário, a fim de manter a paz em toda a Índia, impedindo as incursões inimigas. São, pois, verdadeiros patriotas, com que se pode contar.

Na Europa, quando se fala em "Guias", pensa-se naturalmente nos montanhesees suíços e de outros países que, pela intrepidez e habilidade com que vencem os obstáculos, pela ajuda que dão aos companheiros e pela resistência, podem guiar os turistas nas perigosas ascensões. São belos tipos, física e moralmente, mas se lhes pedíssemos para percorrer, na planície, tantos quilômetros quantos percorrem na mon-

tanha, não tentariam a tarefa, pois não poderiam fazer uso das qualidades de que dispõem, quando estão nas montanhas. Não lhes interessa andar por caminhos já batidos. Só se sentem realmente felizes quando se encontram face a face com o perigo e conseguem vencê-lo, para atingir finalmente o cume da montanha que desejam conquistar.

Pois bem, penso que é esse o caso atual da maioria de nossas jovens. Não desejam ficar inativas. Não querem que tudo seja fácil. Não pretendem simplesmente atravessar a planície; preferem tornar-se pessoas ativas com as quais se possa contar, diligentes e prontas, a se sacrificarem, quando necessário, como os Guias na fronteira nordeste da Índia. Ambicionam também transpor obstáculos da vida, enfrentar as montanhas e os aborrecimentos e os perigos para vencê-los, preparam-se para se tornar corajosas e hábeis. Querem ainda ajudar os outros nos momentos difíceis. E só quando atingem esse objetivo, sentem-se realmente vitoriosas e felizes. É uma grande satisfação para elas ter realizado sua tarefa e ter ajudado às outras a realizá-la. Eis o que desejam realizar as guias, e nisso se parecem com as guias da montanha.

Além disso, uma mulher, capaz de desempenhar bem um trabalho é respeitada pelos homens e pelas outras mulheres, que estão sempre prontos a seguir-lhes os conselhos; ela se tornará um guia. Mais tarde,

se tiver filhos, ou se educar crianças, será verdadeiramente um guia para eles.

As guias aprendem, por meio de seus jogos e de suas atividades, tudo que lhes pode ser útil na vida. Aprendem também a mostrar o caminho aos outros. Assim, os acampamentos, os sinais, os primeiros socorros, a cozinha de campo e todos os outros trabalhos farão delas mulheres de iniciativa, hábeis, fortes e de corpo e de espírito. Melhor ainda, isto as unirá num bando de alegres amigas.

SEMPRE ALERTA

O lema das guias, que lhes precede o trabalho é: "Sempre Alerta". Isso quer dizer que devem estar prontas a fazer qualquer trabalho que lhes seja confiado e o que é mais importante, que são capazes de enfrentar qualquer eventualidade. É isso que as guias aprendem nos jogos e nos acampamentos. Desejam ter outras atividades, além das que aprendem na escola.

ESTUDO DA NATUREZA NA CIDADE

Muita gente pensa que só no campo ou na mata podemos estudar a Natureza, observando os animais em liberdade; mas isto é um erro. Podemos aprender muita coisa na cidade, até mesmo em casa, tanto sozinhas como ajudadas por outra pessoa.

Por exemplo, veja no espelho a maravilha que é o olho, a delicadeza de sua estrutura; parece uma bolha, que um pequeno toque destruiria completamente. Pense depois nos nervos que transmite as imagens das coisas visíveis ao cérebro, no qual são registrados os pensamentos invisíveis. Estes pensamentos criam em seguida o desejo da ação. Por exemplo: se seus olhos vêem sobre a mesa um objeto que você deseja pegar, imediatamente o pensamento aciona os nervos do braço e este então pega o objeto.

Não podemos ver o pensamento, mas podemos verificar que ele existe, quando pegamos um objeto. Da mesma forma, Deus não é visível, mas está sempre presente, e você constata Sua presença quando faz uma boa ação. Algumas vezes você deixa de fazê-la ou então faz alguma coisa que não foi sugerida por Deus. Você se sentirá naturalmente envergonhada quando isso aparecer, e se recusará a repetir. Para evitar isto, procure pensar antes de agir, perguntando a si mesma: "Deus aprovaria minha conduta?" Se a sua consciên-

cia responder "Sim", continue; se responder "Não", pare. Não será difícil levar uma vida reta e pura, se você se lembrar que é preciso pensar antes e agir depois.

CAÇA DE ATALAIA

Como se esconder — Quando você deseja observar animais selvagens, fique de atalaia e chegue perto sem que eles possam lhe ver ou farejar.

O caçador que pretende ver sem ser visto, deve ficar completamente escondido. Um policial não agarra os gatunos postando-se perto deles em uniforme, para examiná-los; veste-se como qualquer pessoa e, não raro, detem-se diante de uma vitrine para observar pelo espelho tudo que se passa atrás dele, sem o demonstrar.

O culpado que se sente vigiado permanece em guarda; o inocente que se vê espiado sente-se mal. Assim, ao observar alguém, não o olhe ostensivamente para ele, mas note as minúcias que interessam, em uma ou duas olhadelas; e se quiser estudá-lo melhor, siga-o. Há tanta coisa a aprender sobre uma pessoa observando-lhe de costas, como de frente; às vezes até mais, pois se ela própria não for uma guia e não se voltar muito, não saberá que está sendo seguida.

Os caçadores de atalaia lembram-se sempre de duas coisas importantes em suas expedições: antes de

tudo, tomam o cuidado de colocar-se de modo que a cor do fundo, constituído de árvores ou de prédios, seja a mesma que a da roupa que vestem. Em seguida, se o inimigo ou a caça olha para eles, ficam absolutamente imóveis, tanto tempo quanto for necessário. Assim, mesmo a descoberto, uma guia pode evitar ser vista, dando a impressão de que se congelou de repente no lugar.

Arte de seguir uma pista — As guias empregam a palavra "sinal" para definir todos os detalhes reveladores de uma pista, como uma pegada, galhos quebrados, capim remexido, restos de alimentos, fósforos gastos, etc.

Alguns monteiros indus seguiam, certa vez, o rastro de uma pantera que tinha matado e levado consigo um cabritinho. Ela atravessara uma grande extensão de rocha nua, onde, naturalmente, não deixava vestígios de suas patas aveludadas. Um dos monteiros foi direto a uma aresta aguda, na extremidade do rochedo, molhou o dedo e passou-o ao longo da pedra até que encontrou colados nela alguns pêlos de cabrito. Isto indicou-lhe a passagem da pantera carregando sua presa. Estes poucos pêlos constituem o que uma guia chama de "sinal".

O mesmo monteiro também descobriu ursos, observando pequenos sinais dessa qualidade. Certa vez, por exemplo, notou sobre um tronco de árvore

um arranhão novo, feito evidentemente pelas garras de um urso; depois, encontrou sobre outra árvore um único pêlo negro, prova de que o urso tinha se esfregado ali.

É preciso que uma guia aprenda a não deixar escapar nada à sua percepção. Deve notar os menores indícios e sinais, para, em seguida, fazer a sua dedução; mas é preciso muito treino para uma aspirante adquirir realmente o hábito de notar tudo, de não deixar nada despercebido. Pode-se aprender isso tão bem na cidade como no campo, contanto que se tenha a cabeça no lugar.

Você deverá ainda notar cada ruído estranho, cada cheiro particular e refletir no que isso significa. Se não aprender a observar os sinais, conhecerá muito pouco do mundo que a cerca e não será de grande utilidade como guia. Não se esqueça de que é forjando que se faz o ferreiro.

Lembre-se disto; para a guia é uma vergonha se outra pessoa descobre ao longe ou debaixo de seus olhos, alguma coisa que ela não observou ainda. Não olhe apenas para o caminho à sua frente; volte muitas vezes, olhe para trás, preste atenção aos traços característicos da região em que estás, a fim de fixar o aspecto do caminho, se tiver de voltar por ele.

Nas ruas de uma cidade estrangeira, a guia re fará o seu caminho com o auxílio dos edifícios públicos e

dos quarteirões, observando as lojas e suas vitrines. Observará as pessoas que encontra, seus rostos, roupas e sapatos, e seu andar, de modo que, se um guarda civil perguntar, por exemplo: "Viu um homem de sobancelhas negras e carregadas, de roupa azul, descendo a rua?" — ela pode responder mais ou menos assim: "Vi. Ele coxeava um pouco da perna direita, usava sapatos desparelhados e levava um embrulho na mão. Tomou pela rua de Ouro, a segunda à esquerda, há três minutos, mais ou menos."

Muitas vezes informações deste gênero foram úteis para se seguir o rastro de um criminoso. Mas ainda há muita gente que anda com olhos fechados...

Estude também os sinais que deixam as rodas, de maneira a reconhecer uma peça de canhão, uma carroça, um carro, uma bicicleta, e em que direção elas rodavam.

Na história de Kim, de autoria de Rudyard Kipling, dois meninos são ensinados a observar, a fim de se tornarem investigadores, por meio de um jogo. Este consiste em mostrar, durante um minuto, uma superfície onde há diferentes objetos, que, em seguida devem ser enumerados e descritos de memória. Pratique este jogo, que é um excelente exercício para as guias.

Características das pessoas — Quando viajar note sempre tudo que se relacione com os seus companhei-

ros de viagem: seus traços, vestuário, modo de falar, etc., para que, depois, possa descrevê-los exatamente. Experimente também adivinhar, pelo aspecto e pelas extremidades, se são ricos ou pobres (geralmente os sapatos dizem isso), qual é a profissão provável, se são felizes ou infelizes, se precisam de ajuda.

Mas, ao fazer estas observações, não deixe perceber que estão sendo examinados; do contrário eles se porão em guarda.

Dedução pelos sinais — Foi dito que se pode conhecer o caráter de um homem pela sua maneira de usar o chapéu. Se o coloca ligeiramente de lado, é um bom rapaz; já o chapéu inteiramente de banda indica um fanfarrão; usado para trás, um mau pagador; direito no alto da cabeça, um homem provavelmente honesto, mas de inteligência curta.

O andar do homem ou da mulher é, geralmente, indício de seu caráter. Como prova, temos os passos curtos e saltitantes do fanfarrão, que anda agitando os braços; os passos bruscos e rápidos do nervoso; o andar arrastado do vagabundo; o passo leve e silencioso da guia. Quando você tiver prática, poderá adivinhar quase que exatamente a personalidade de um homem pelo seu aspecto.

É espantoso ver o quanto você pode aprender, observando a sola do sapato da pessoa que vai à sua frente e as deduções que pode tirar. Uma sola e um

salto gastos por igual provam honestidade e capacidade para os negócios; um salto gasto do lado de fora revela um homem de imaginação, amigo de aventuras; o salto gasto do lado de dentro, acusa fraqueza e irresolução; este sinal é mais infalível em relação aos homens do que em relação às mulheres.

Lembre-se que, ao notar esses pontos de referênto de dedução. Ao encontrar, um dia, um estranho, reparou que ele tinha o ar satisfeito, usava roupa nova com sinal de luto, que seu aspecto era marcial, andava como um marinheiro e, nas mãos tatuadas, carregava alguns brinquedos de crianças. Holmes adivinhou que este homem acabara de se reformar no posto de sargento da marinha de guerra, que sua mulher morrera e que tinha filhos pequenos.

Pontos de referência no campo — Se você estiver no campo, deve notar os pontos de referência — isto é, os objetos que poderão auxiliar a retomar o caminho, ou a impedir que se perca — tais como montanhas distantes, torres de igrejas, ou então, mais perto, as construções características, as árvores, os portões, rochedos, etc.

Lembre-se que, ao notar esse pontos de referência, algum dia você poderá utilizar seu conhecimento, para auxiliar outra pessoa a encontrar o caminho; é preciso portanto, observá-los com atenção, de modo a

poder descrevê-los sem erro, e na ordem exata. Repare em todos os cruzamentos, todas as picadas e lembre-se deles. A lembrança do que viu, poderá ajudá-lo a encontrar o caminho à noite, ou quando houver nevoeiro, ao passo que outras pessoas correm o risco de se perder.

Abra os olhos — Que nada escape à sua atenção — um botão, um fósforo, um cabelo, uma cinza de cigarro, uma pena ou uma folha podem ser muito importantes; até uma impressão digital, quase invisível a olho nú, tem servido freqüentemente para se descobrir um crime.

Quando estiver em pleno campo, abra os olhos. Não se limite a observar os pequenos sinais ao seu redor, mas também os que estiverem mais distantes, tais como nuvens de pó, pássaros assustados, movimentos anormais nos arbustos ou no capim; preste ouvidos a um galho que se quebre, ao latido súbito de um cachorro, etc.

Na batalha de Boomplatz, entre ingleses e boers, a vitória coube aos ingleses, graças ao comandante Sir Harry Smith que notou, ao longe, um veado assustado, correndo sem motivo aparente. Desconfiado, enviou escoteiros em missão de reconhecimento. Os rapazes descobriram uma tropa boer tentando armar uma emboscada. E foi fácil desfazer o intento do inimigo.

À noite, naturalmente, os ouvidos devem substituir os olhos; este gênero de exercício deverá completar a observação visual. Uma guia experimentada saberá os menores sinais, identificará as menores pistas e saberá reuni-lo em seu pensamento e deles tirar rapidamente uma conclusão — coisa de que uma pessoa inexperiente não será capaz. Este hábito de observar se tornará uma segunda natureza e dará à guia uma habilidade extraordinária.

Um dia, durante a guerra dos Matabeles, estava eu com um nativo, nas cercanias dos montes Matopo, numa vasta planície verdejante; nós dois tínhamos sido destacados como escoteiros. De repente, cruzamos com uma pista recente; as folhas do capim ainda estavam úmidas e curvadas numa mesma direção, a que os caminhantes tinham tomado. Seguindo essa pista durante algum tempo, chegamos a um trecho arenoso e aí vimos as pegadas de várias mulheres (pés pequenos de contornos retos, passos pequenos) e de meninos (pés pequenos, contornos curvos, passadas mais largas), que não corriam mas caminhavam em direção das colinas situadas a uns sete quilômetros dali, onde supunhamos estar escondido o inimigo.

Depois, a uns dez metros da pista, vimos uma folha de árvore. Só havia árvores a vários quilômetros dali, mas sabíamos que algumas árvores com aquela espécie de folha cresciam numa aldeia situada a vinte

quilômetros de distância, na direção de onde vinham os passos. Era provável, portanto que as mulheres tinham vindo da tal aldeia, trazendo consigo a folha e seguiam para as colinas.

Ao apanhar a folha, notamos que estava úmida e cheirava a cerveja indígena. Os passos pequenos das mulheres provavam que elas estavam carregadas. Assim, adivinhamos que, de acordo com o costume, levavam na cabeça jarros de cerveja indígena, tapados com folhas. Uma dessas folhas caíra, mas nos a encontramos a dez metros do caminho, o que indicava que, naquele momento, estava ventando. O ar estava calmo, eram sete horas da noite, mas lá pelas cinco horas tinha ventado.

De todos esses pequenos sinais concluímos que um grupo de mulheres e meninos tinham trazido cerveja durante a noite, da aldeia, que ficava a vinte quilômetros dali, para o inimigo, escondido na colina, chegando lá pouco depois das seis horas. Os homens tinham provavelmente, começado logo a beber (porque a cerveja indígena azeda em poucas horas) e, quando chegassemos lá, deviam estar sonolentos e pouco vigilantes, de modo que teríamos uma boa oportunidade para reconhecer suas posições.

Seguimos, portanto, a pista das mulheres, encontramos o inimigo, fizemos nosso reconhecimento e voltamos sem dificuldades com as informações desejadas.

E tudo isso graças ao testemunho de uma única folha. Assim, você pode ver a importância que há em notar as minúcias.

O ACAMPAMENTO

Uma das coisas mais apaixonantes do Guidismo é o acampamento. Pode-se acantonar numa fazenda ou numa casa desocupada, ou acampar em barracas.

Algumas pessoas falam da vida dura dos acampamentos, mas em geral são os principiantes que pensam assim. Uma guia experiente não acha essa vida dura, pois sabe encontrar mil jeitinhos de torná-la confortável.

Se as barracas, por exemplo, não tiverem aparecido ela não se sente tiritando e resmungando, mas começa logo a construir um abrigo ou uma cabana. Escolhe para isso um lugar que não esteja arriscado a ser inundado em caso de chuva.

Depois acende um fogo de campo, cozinha o jantar e prepara uma cama confortável, com musgo ou palha:

Mas para fazer tudo isso é preciso, naturalmente, que tenha antes aprendido como acender uma fogueira, como preparar e cozinhar a comida, como tecer um colchão de campo, etc., coisas que normalmente são ensinadas durante as atividades de guias.

No acampamento, aprende-se a fazer tudo que é necessário, pois nem sempre é possível encontrar um armazém por perto onde se possam fazer compras.

COMO ADESTRAR UMA ASPIRANTE

Você se lembra, sem dúvida, do que teve que fazer como aspirante. Agora chegou a sua vez de ajudar a uma candidata, mostrando-lhe como tornar-se uma guia. Lembre-se de que tudo é conseguido pela bondade e pelo exemplo. Talvez ache sua discípula muito tímida, lerda ou avoadada. Prepare-se para aceitá-la e sorria. Faça-lhe um ambiente alegre. Não tente ensinar-lhe tudo ao mesmo tempo. Mostre-lhe de um modo geral, tudo quanto ela tem a fazer; depois tome uma coisa só, e faça para ela ver; repita em seguida com ela e, finalmente, deixe-a sozinha. Não importa que ela erre a princípio, mostre-lhe depois onde ela se enganou. Verá que bem depressa a aspirante saberá fazer o que lhe foi ensinado.

O seu exemplo também influirá muito. Se você se mostrar impaciente ou irritada, ela também o ficará. Se você rir e achar prazer na lição, ela também o fará e existirá sempre entre ela e você, um laço de amizade todo especial.

HISTÓRIA DE DUAS RÃS E DE UM POTE DE CREME

É uma coisa que o hoquei ensina. Acontece que você pode perder uma partida, mas não o bom humor e a alegria. Com efeito, uma guia aclama o vencedor e esquece a derrota.

Mas você não desiste nunca. Muitas vezes você acredita que as chances estão contra e que é pouco possível ganhar; porém justamente no fim, a outra equipe cede ou não presta tanta atenção e sua equipe acerta a meta uma ou duas vezes nos últimos minutos e termina vitoriosa.

Essa tenacidade é um imenso valor, não somente no jogo, mas também na progressão como guia e mais tarde, na vida.

Dois rãs, em passeio, encontraram no caminho uma tija de creme, na qual caíram. Uma delas, pensando que se tratava de uma nova espécie de água, e que era inútil tentar nadar, afogou-se porque não teve energia. A outra, ao contrário, debateu-se, e pôs-se a nadar vigorosamente. Quando já, quase sem forças, sentiu que perdera a luta, algo de estranho aconteceu! Graças ao seu trabalho obstinado, conseguiu bater o creme, e viu-se sã e salva sobre um bolo de manteiga!

Se você, no Guidismo, não aprender nada além desta historietta das rãs, procure, neste caso, não es-

quecê-la; quando sentir que está fraquejando no cumprimento do dever, lembre-se das rãs e mantenha-se firme!

MONITORAS

Quando você chegar a Monitora, lembre-se que está ocupando uma função verdadeiramente importante e cheia de responsabilidade. Terá sob as suas ordens um certo número de meninas que vão formar o caráter de acordo com o seu exemplo e a sua direção. Se você for indolente elas serão indolentes, se você for entusiasmada, elas também o serão; a atitude das meninas em grande parte dependerá de você. Também não se torne Monitora somente para impressionar, mas veja se realmente se sente capaz de guiar as outras, e procure fazer tudo o que estiver a seu alcance para torná-las boas guias.

Você tem que dirigir sua patrulha; pois bem, só poderá dirigi-la se tiver a confiança das outras e só a obterá se tiver confiança em si própria. E a única maneira de adquiri-la é saber a fundo o que se pede de você. Deverá por conseguinte estudar este livreto, aprender tudo o que puder sobre as guias e o seu propósito, depois sobre a maneira de executar as instruções que lhe são dadas. Pratique você mesma o que lhe é ensinado, fique certa de poder executá-la conve-

nientemente. Então poderá ter confiança em si mesmo; suas guias haverão de obedecer-lhe e você será capaz de entusiasmá-las e discipliná-las perfeitamente. Você vai dirigir inteiramente pelo seu exemplo pessoal, não se esqueça, só isso é que conta e é o melhor meio para se ter sucesso; e mais do que isso, é o ÚNICO meio.

Como Monitora, você deverá ser aquela que, na patrulha, melhor põe em prática a Lei Escoteira, e as outras a seguirão. É preciso também ser a Líder nos jogos, a primeira em todos os trabalhos e a que sugere os bons jogos, as boas idéias, os bons pensamentos. Se for assim, a primeira em tudo, suas guias gostarão de segui-la e você conseguirá disciplina. Seu fim deve ser, naturalmente, fazer de sua patrulha a melhor da Tropa e, se todas as patrulhas fizerem o mesmo, esteja certa de que a sua seção estará ao lado das melhores.

Em cada jogo, a patrulha inteira deveria formar uma equipe. Não tenha uma ou duas boas jogadoras e as outras completamente nulas, antes procure fazer da patrulha uma equipe; as mais fracas tentarão melhorar por si próprias, para elevar o nível da patrulha; jogarão assim pela honra do conjunto e não por sua honra individual. Se possível, dê a cada guia um trabalho especial na patrulha. Poderá encontrar uma que faça bem isto; outra que faça bem aquilo; dê-lhes uma tarefa particular, para que a guia o faça em benefício

e honra da patrulha. Há um ponto difícil, que é preciso sempre ter em mente; quanto estiver tentando dirigir a patrulha e ao mesmo tempo formar o caráter de suas guias, não se esqueça de que cada uma deve fazer por si o trabalho que lhe foi confiado. Dê a cada uma a sua tarefa, observe a execução, mas não faça pela guia ou a menina ficará sempre à espera de que você realize o trabalho que só ela deverá realizar.

No acampamento a patrulha é uma unidade muito útil, pois poderá ocupar uma única barraca, um quarto, um celeiro ou qualquer outro local. Em tais circunstâncias, os deveres da Monitora são muito importantes; é preciso zelar pelo bom comportamento das meninas, pela limpeza e pela boa ordem em sua área.

1984/85 — *Publicação comemorativa dos 75 anos em que apareceram em 4 de setembro de 1909 as primeiras escoteiras em público em Londres e dos 70 anos de organização da primeira Tropa de Escoteiras no Brasil (dezembro de 1914) pela Associação Brasileira de Escoteiros, em São Paulo, que mais tarde se integrou à UEB.*

1ª Edição — 4.000 exemplares
1984